

# Christian Zacharias piano

31 Jan 2023 · 21:00 Sala Suggia

CICLO PIANO  
ANO ALEMANHA



casa da música

APOIO ANO ALEMANHA



Embaixada  
da República Federal da Alemanha  
Lisboa



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



EUROPEAN  
CONCERT HALL  
ORGANISATION



---

1ª PARTE

**Piotr Ilitch Tchaikovski**

*As Estações, doze cenas características, op. 37a* (1876; c.40min)

1. Junto à lareira: Janeiro
2. O Carnaval: Fevereiro
3. Canção da Cotovia: Março
4. Campânula-branca: Abril
5. Noites Brancas: Maio
6. Barcarola: Junho
7. Canção do Ceifeiro: Julho
8. A Colheita: Agosto
9. A Caça: Setembro
10. Canção de Outono: Outubro
11. Troica: Novembro
12. Natal: Dezembro

---

2ª PARTE

**Franz Schubert**

*Sonata em Ré maior, op. 53, D. 850* (1825; c.35min)

1. Allegro vivace
2. Con moto
3. Scherzo: Allegro vivace
4. Rondo: Allegro moderato

A fusão entre natureza e poesia, ou o que poderíamos denominar a poética da paisagem, constitui um dos alicerces do Romantismo, como bem estabeleceu em meados do século passado o influente crítico literário M. H. Abrams. Não quer isto dizer que os românticos ferissem apenas essa nota poética, mas que fusionaram o que poderíamos denominar a meditação sentimental acerca de situações comuns a todos os seres humanos com o estímulo de fenómenos naturais consubstanciados na paisagem. Portanto, nas artes (na pintura, mas também na literatura ou na música) a paisagem (pictórica, literária ou sonora) é uma composição que pode dar lugar a interpretações simbólicas e estéticas diversas. Sobretudo, interessa-nos salientar a união entre a paisagem e as sensações que provoca na subjectividade. Por isso, por um lado, desde o século XIX, podemos usar expressões como “paisagem interior” que, na música, pode ser metaforicamente representada através de contraposições sensoriais que em muitas ocasiões vinculamos com a passagem do tempo (movimento/quietude, rápido/lento), mas também com outro tipo de elementos (forte/piano, frio/quente, etc.). Também podemos encontrar representadas outras contraposições de carácter emocional (calmo/tempestuoso, triste/alegre, melancólico/fervente, agitado/sereeno, ameaçador/confortável...).

A vivência da paisagem, quase que poderíamos dizer a “invenção” da paisagem, no século XIX, teve inúmeras implicações do ponto de vista cultural. É, por exemplo, inseparável do gosto pelas viagens e pelas excursões, facilitado pelo desenvolvimento dos meios de transporte. Gerou, do mesmo modo, um amplo sector do mercado artístico que se plasmou na comercialização, entre outros objectos, de peças características para piano. Não é, portanto,

um acaso que **Franz Schubert** (1797-1828), no Verão de 1825, tenha escrito a sua sonata número dezassete — obra que será escutada neste recital — no balneário de Bad Gastein, perto de Salzburgo, motivo pelo qual é conhecida como “Gasteiner”. As belezas daquela região montanhosa superavam, na sua opinião, “tudo aquilo que a imaginação mais rica nunca poderia sonhar”. Também formam parte deste contexto cultural as doze peças da autoria de **Piotr Ilitch Tchaikovski** (1840-1893) que compõem o álbum intitulado *As Estações*, publicadas ao longo de 1876 como suplemento de cada um dos números da revista *Nuvelist*.

Do ponto de vista da história da composição musical, essas duas obras têm outro traço em comum, relacionado com um par de obstáculos consideráveis que os compositores do século XIX tiveram de confrontar. Após Beethoven, mediram-se com a monumentalidade das suas obras de grande formato e, em particular, com a transformação que, nas suas mãos, sofreu a sonata para piano. Ficaram divididos entre, por um lado, a aspiração a emular o modelo beethoveniano e a dimensão “colossal” de algumas das suas obras mais prestigiosas e, por outro, a necessidade de compor para um público formado por editores, amadores e amadoras de música, que demandava peças não demasiado longas, tecnicamente acessíveis e de efeito. Tanto Schubert como Tchaikovski “colocaram” muito mais facilmente as composições breves para piano do que as grandes sonatas. Aliás, ambos reagiram ante o exemplo de Beethoven: Schubert tentou ser o seu sucessor em Viena, enquanto Tchaikovski viveu com ansiedade o processo criativo durante a escrita da *Grande sonata para piano* op. 37, de 1878. Nas suas palavras, “tenho de ir espremendo no meu interior ideias fracas e débeis, e fico a ruminar sobre cada compasso”.

As peças de Tchaikovski foram o resultado de uma encomenda a troco de honorários bastante elevados. O compositor russo aceitou o convite da *Nuvellist* sem discussão, até solicitou um adiantamento do pagamento e adaptou-se aos critérios da revista quanto às características da escrita: não deviam ser peças nem demasiado “longas”, nem demasiado “pobres”. Foram anunciadas nos seguintes termos: “O nosso célebre compositor P. I. Tchaikovski prometeu ao editor da *Nuvel-list* que contribuirá para as edições do próximo ano com uma série completa de composições suas para piano, escritas especialmente para a nossa revista, cujo carácter corresponderá inteiramente aos títulos das peças e ao mês em que serão publicadas na revista”. Isto é, as suas peças derivavam de títulos e versos transcritos na edição como epígrafes. Esta imposição resultou em pequenos quadros sonoros que traduzem as imagens poéticas. “Janeiro” representa a contraposição entre o calor do lar e a fria noite de Inverno no momento em que a lareira e as luzes se apagam através do carácter da melodia e do uso de figurações em arpejo. A sonoridade de “Fevereiro” alude ao Carnaval e à festa em torno de uma mesa bem servida. “Março” cita o canto da cotovia, heraldo do amanhecer e também da Primavera. Representa a impressão do momento em que finda a noite, assim evocado nos versos de Maykov: “O campo a tremeluzir com flores,/ As estrelas rodopiam nos céus,/A canção da cotovia enche o abismo azul.” O mês seguinte, “Abril”, identifica-se com copos de neve caindo que, nos versos do mesmo Maykov, remetem para as lágrimas do passado e o prenúncio de uma nova felicidade. As majestosas “Noites brancas de Maio” são uma celebração dos longos entardeceres, que duram toda a noite, nos países do Norte, interpretados como sendo a

outra cara do “reino do gelo e da neve”. Uma barcarola liga-se com o movimento das ondas na costa, numa noite de Verão no mês de Junho. Os meses de Julho a Outubro focam a atenção sobre a vida rural: à canção da ceifa segue-se o recolher da colheita em Agosto e o tópico da caça em Setembro. Apresentam elementos de carácter pictórico, como o *ostinato* do mês de Agosto, que representa bem o afanoso trabalho, os momentos de febril actividade e também o cansaço. A melancólica melodia outonal das “folhas amarelas” do pomar voando ao vento inspira-se em versos de Tolstoi. A troica, como é bem sabido, é um carro tipicamente russo em que vão arreados três cavalos com diferentes andaduras. Protagoniza a peça do mês de Novembro, onde Tchaikovski cita duas canções populares. A epígrafe deste mês é da autoria de Nikolai Nekrasov e convida à serenidade interior e a suprimir, ao mesmo tempo, o impulso de sair a correr atrás da troica e “o medo da saudade no coração”. Finalmente, Dezembro é representado por um sarau doméstico no dia de Natal. Em ritmo de valsa, garotas brincam a adivinhar o seu destino: é tradição russa tentar profetizar, na quadra natalícia, o nome do futuro namorado.

A Sonata D. 850 foi a segunda que Schubert chegou a ver impressa, fazendo parte de um pacote de peças vendido à editora Artaria em que predominavam as obras curtas e directamente concebidas para o mercado. Cabe assinalar que esta sonata fazia parte de um conjunto de três que acabaram por ser publicadas por diferentes editoras. A terceira delas, a Sonata D. 894, foi inclusive publicada como um conjunto de quatro peças independentes e não como uma obra única. Não podemos afirmar que a sonata “Gasteiner” proponha uma representação da experiência da paisagem dos Alpes, mas é, porém, um tópico quase

inevitável estabelecer vínculos entre o caráter enérgico e brilhante da partitura e os magníficos passeios que Schubert descreveu na sua correspondência. Apresenta, no entanto, características formais que são muito específicas desta fase do percurso do compositor e que, por conseguinte, podem ser diferenciadas de episódios bem conhecidos da sua biografia. A propulsão rítmica é, seguramente, o seu elemento mais evidente e está ligada à vitalidade que esta sonata comunica. Este aspecto fundamenta-se não apenas pelo uso de determinadas figurações ou das repetições, mas pela manipulação do plano harmónico, que é onde reside grande parte do que é mais específico do estilo schubertiano. Por exemplo, no quinto compasso do primeiro andamento ouvimos o motivo principal, exposto nos quatro compassos anteriores, já transportado ao modo menor e, a seguir, o mesmo tema inicial escuta-se na tonalidade de Dó sustenido maior. Com efeito, esta alternância entre os modos maior e menor e as modulações afastadas e surpreendentes são características de Schubert. Este tipo de elementos harmónicos tem uma grande relevância no “Scherzo”. Também é característica a alusão a uma espécie de imaginário popular estilizado, que se pode comprovar, nesta Sonata, no *Lied* que se cita no segundo andamento “Con moto”, ou no bem-humorado e burlesco “Rondo” final.

TERESA CASCUDO, 2023

## Christian Zacharias piano

Christian Zacharias destaca-se entre os maestros e pianistas da sua geração como alguém que procura o que está para lá das notas musicais, em interpretações elaboradas, detalhadas e claramente articuladas. Combinando o seu estilo expressivo e profundo com uma personalidade carismática, é reconhecido não só como um dos grandes pianistas e maestros mundiais mas também como pensador musical. A sua carreira floresceu através de inúmeros concertos aclamados com as principais orquestras do mundo e de vários prémios e gravações.

É maestro convidado principal da Orquestra Ciudad de Granada (desde 2021/22), maestro associado da Orchestre National d'Auvergne (desde 2021/22) e maestro honorário da Filarmónica George Enescu em Bucareste (desde 2020/21).

A música dos períodos clássico e romântico, particularmente Schumann, Brahms, Bruckner, Mozart, Haydn e Beethoven, é central no seu trabalho. Foi convidado a regressar à Orquestra della Svizzera Italiana, à Orquestra Nacional de Toulouse, à Frankfurter Opern- and Museumsorchester e à Filarmónica de Monte Carlo, entre outras. Gosta de complementar os seus programas com obras de compositores mais modernos: Schoenberg, Britten ou Bacewicz.

Ao longo da sua carreira, estabeleceu laços profundos com a St Paul Chamber Orchestra, as Sinfónicas de Gotemburgo, Bamberg e Boston, a Orquestra de Câmara de Basileia, a Orquestra da Konzerthaus de Berlim, a Filarmónica de Estugarda e a Orquestra Nacional de Lyon.

Christian Zacharias tem agendados recitais para a temporada de 2022/23 em várias metrópoles da Europa, incluindo Paris, Londres, Madrid e Istambul, e nos festivais Schubertiade e Piano aux Jacobins em Toulouse. Apresenta

ainda palestras ao piano sobre assuntos como “Por que Schubert soa a Schubert?” ou “Haydn, uma criação a partir do nada”.

Desenvolve também um interesse especial pela ópera, tendo dirigido produções de *La Clemenza di Tito*, *As Bodas de Fígaro* (Mozart) e *La Belle Hélène* (Offenbach). Dirigiu *As Alegres Comadres de Windsor* de Otto Nicolai na Ópera Real da Valónia, em Liège, uma produção que conquistou o Prémio da Europa Francófona 2014, atribuído pela Associação Profissional de Críticos de Teatro, Música e Dança de Paris.

Desde 1990, tem aparecido em vários filmes: *Domenico Scarlatti à Seville*, *Robert Schumann — der Dichter spricht* (INA, Paris), *Zwischen Bühne und Künstlerzimmer* (WDR-Arte) e *De B comme Beethoven à Z comme Zacharias* (RTS, Suíça). Gravou a integral dos concertos para piano de Beethoven (SSR-Arte).

Entre os muitos prémios que tem conquistado destaca-se o Midem Classical Award 2007 para Artista do Ano. O Governo Francês atribuiu-lhe o título de *Officier dans l'Ordre des Arts et des Lettres* e o seu contributo para a cultura na Roménia foi também premiado, em 2009. Em 2016, foi nomeado membro da Real Academia Sueca de Música. É doutorado honorário da Universidade de Gotemburgo desde 2017.

Como maestro titular da Orquestra de Câmara de Lausanne, fez gravações que conquistaram a crítica internacional. A integral dos concertos para piano de Mozart deu-lhe o Diapason d'Or, o Choc du Monde de la Musique e o ECHO Klassik Award. Destaca-se ainda a gravação da integral das sinfonias de Schumann.

Entre 2015 e 2021, Christian Zacharias foi presidente do júri do Prémio Clara Haskil e, em 2018, desempenhou o mesmo cargo no Prémio Geza Anda, tendo dirigido o concerto final.

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

